

A GEOGRAFIA DA VIDA COTIDIANA

Tiago da Silva Bueno

UNIJUI

tsbueno@yahoo.com.br

Helena Copetti Callai

UNIJUI

helena@unijui.edu.br

INTRODUÇÃO

O presente trabalho faz parte de investigação sobre o ensino de Geografia, e tem por objetivo a análise dos conhecimentos empíricos e da vida cotidiana dos alunos de EJA e sua articulação com os conceitos científicos da geografia. O trabalho tem como base metodológica o livro: A geografia do aluno trabalhador, de Márcia Spyer Resende.

A obra de Márcia Spyer Resende, A geografia do aluno trabalhador, é um livro que é desenvolvido tendo como objetivo destacar a importância da escola formal para as classes populares, a necessidade de redefinir o conteúdo de nosso ensino e encontrar formas pedagógicas capazes de socializá-lo e também da importância de partir, no ato de ensinar, do saber que o aluno traz consigo, de sua “história”.

O livro também traz uma crítica da concepção tradicional positivista do espaço e propõe, no ato de ensinar, partir do saber que o aluno traz consigo, de sua história, de sua vida, sendo esta experiência de vida ponto de partida que poderá conduzi-lo à visão mais abrangente do saber universal.

Assim como na obra, neste trabalho busca-se analisar as histórias de vida do aluno trabalhador, na modalidade de ensino EJA, relacionando com a percepção geográfica que eles possuem, através de sua visão de mundo e da interrelação com os conceitos científicos da Geografia.

Compreendemos ser importante o conhecimento dos saberes pré-escolares dos alunos para construir junto o conhecimento geográfico. Este saber pré-escolar é rico, pois brota das vivências cotidianas e relações sociais que o aluno estabelece.

Desta forma, podemos constatar que levando em consideração todo este saber pré-escolar do aluno é possível fazer com que ele se torne sujeito do processo de construção do conhecimento, e não se mantenha com um objeto, tal como na geografia tradicional e no conceito de educação bancária de Paulo Freire.

O estudo desenvolvido permite observar que no cotidiano de vida das pessoas, a geografia está presente a todo o momento. Através desta percepção podemos trazer para a geografia escolar o papel de sistematizar estes saberes pré-escolares trazidos pelos alunos, buscando ampliar suas percepções espaciais, possibilitando uma melhor compreensão do mundo atual.

DESENVOLVIMENTO

O estudo específico da geografia na EJA permite que este trabalho da geografia escolar seja mais coerente com a realidade dos alunos que freqüentam esta modalidade de ensino. Estes alunos possuem este saber cotidiano, adquirido ao longo de sua vida pessoal e profissional e têm desenvolvimento biopsicossocial adequado para fazer as relações necessárias com o conhecimento historicamente sistematizado pela sociedade.

A geografia está presente em nossa vida cotidianamente, e desde os tempos mais remotos, os homens usavam e faziam geografia. Para sua sobrevivência era necessário que se localizassem, utilizando a natureza como recurso para isso.

A geografia, no ensino básico, participa do processo de construção dos fundamentos conceituais e instrumentais para a compreensão e representação da vida e do mundo através do estudo do meio ou estudo da realidade. O meio é aqui entendido como o lugar, o espaço geográfico onde ocorre a realidade vivida. O estudo do meio torna-se uma metodologia de investigação da realidade.

Vale lembrar que uma simples excursão pela cidade não significa a realização de um estudo do meio, visto que este compreende um processo de apreensão do espaço real. Entrevistas, fotos, entre outros, favorecem para a operacionalização desta metodologia de ensino.

Segundo Cavalcanti, (1998, p. 129): “A geografia na escola deve estar, então, voltada para o estudo de conhecimentos cotidianos trazidos pelos alunos e para seu confronto com o saber sistematizado que estrutura o raciocínio geográfico”.

Esta citação reflete bem o intuito de realização deste trabalho, pois corrobora o papel das vivências sociais dos alunos como fonte rica de saberes que devem ser levados em conta na escola para uma efetiva aprendizagem da geografia.

Ainda segundo Cavalcanti (1998, p. 33), “A Geografia trabalha com conceitos que fazem parte da vida cotidiana das pessoas e em geral elas possuem representações sobre tais conceitos”. Isto se torna evidente quando analisamos as histórias de vida de alunos da EJA.

Percebe-se, que o estudo do cotidiano vem se destacando nas pesquisas das ciências humanas em geral. É um caminho que busca a compreensão do nosso mundo vivido, da realidade na qual estamos inseridos.

Essa é uma das possibilidades da associação necessária entre a ciência geográfica e metodologia de ensino atendendo a idéia básica de associar o saber cotidiano e o saber científico.

Para Cavalcanti (1998, p. 89): “Na Geografia Humanística, lugar é o espaço que se torna familiar ao indivíduo, é o espaço do vivido, do experienciado”.

Desta forma, o lugar apresenta a materialização das relações sociais através das formas espaciais resultantes das vivências das pessoas no cotidiano.

Compreender isso remete a considerar o conhecimento que o aluno possui como resultado de sua vida cotidiana. A função do ensino da geografia escolar é, portanto, no contexto do currículo, oportunizar o desenvolvimento das competências que habilitem os sujeitos a situar as suas experiências cotidianas no âmbito mais geral. Isso significa auxiliar a fazer abstrações e teorizar a partir da realidade.

A partir da redemocratização brasileira, em 1985, teremos novos alicerces em relação à EJA. Este ano é significativo devido ao seu caráter “oficial” de retomada das liberdades individuais cassadas pela ditadura militar, desde 1964.

Como substituta do MOBRAL, naquele ano de 1985, foi criada a Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos – Educar. Nesse instante, a sociedade civil, envolta em novas participações políticas, revigorará os canais democráticos de representação política. Esse processo iria resultar na promulgação da Constituição Federal de 1988 (CF/88).

A EJA não é um presente e nem um favor, tal como antes a própria legislação ou a prática das políticas educacionais viam-na. Desde a Constituição de 1988, ela se tornou

um direito de todos aqueles que não tiveram acesso à escolaridade e de todos os que tiveram esse acesso, mas não puderam completá-lo.

Alunos de EJA são geralmente aqueles que se afastaram da escola para auxiliar ou garantir o sustento da família. Como são alunos singulares, com características distintas dos alunos que freqüentam a escola com idade regular, a aprendizagem assume feição singularizada também. E o ensino de sua parte também merece a atenção às especificidades de tal situação.

A formação do professor entra, então, na pauta de discussão como ponto de inegável significado. Nesse sentido, o professor deve ter formação continuada com enfoque no aluno trabalhador, buscando sempre formas de desenvolver as potencialidades dos aprendizes dentro de suas próprias capacidades.

É fundamental que haja uma ruptura com o senso-comum. Esta ruptura poderá se dar através da construção do conhecimento, no nosso caso, geográfico. Este conhecimento elaborado favorecerá a compreensão mais científica, universal.

Com esta percepção, podemos inferir que o ensino na EJA não deve, em tese, ser inferior aquele proposto no ensino regular.

Especificamente na Geografia, por ser uma ciência que trata de temas do nosso mundo vivido, podemos trazer os saberes pré-escolares dos alunos para dentro da escola, para poderem ser relacionados com os saberes científicos. Assim, estaremos oportunizando a construção de conhecimentos significativos pelos mesmos.

A especificidade no estudo da Geografia da EJA, não está apenas no conteúdo, mas na clareza dos objetivos e importância de seu estudo. A diferença está na dialogicidade que deve existir nas aulas, visto que os educandos possuem uma bagagem cultural valiosíssima e que enriquece muito as aulas, proporcionando construção e não, repasse de conhecimento.

A proposta político-pedagógica desta modalidade de ensino é pautada na singularidade do aluno, com organização curricular diferenciada daquela da educação regular.

A metodologia utilizada precisa trazer os conteúdos sempre para a realidade e a vida cotidiana dos educandos, para assim proporcionar interesse e compreensão, visto que estes, na maioria das vezes sentem dificuldade em se projetar no espaço/território desconhecido.

Por espaço desconhecido podemos definir como sendo a informação buscada além do senso-comum, este presente nas vivências cotidianas dos alunos. Também é aquele espaço longínquo onde o aluno não possui representações ou significações que o identifiquem.

É necessário abordar a escala de análise como elemento norteador da metodologia para que o aluno possa se situar melhor perante o que lhe é posto. É preciso mostrar a escala global, porém exemplificando com a escala local, onde é desenvolvida a vida cotidiana deste educando, pois o local contém o global.

CARACTERIZAÇÃO DOS ALUNOS

É importante a caracterização dos alunos, pois, através dela podemos situar os mesmos em relação ao propósito inicial de pesquisa. Compreendemos que são realidades diversas que se encontram e interagem em busca do conhecimento sistematizado. É sabido que para ingresso na Educação de Jovens e Adultos, as idades mínimas são para o Ensino Fundamental – séries finais: 15 anos e para o Ensino Médio: 18 anos.

Os alunos entrevistados são alunos do Núcleo de Educação de Jovens e Adultos e de Cultura Popular “Ensinando e Aprendendo”, de Palmeira das Missões. Estão cursando as totalidades T7, T8 e T9, que correspondem, respectivamente, ao 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio da Educação Básica.

A questão das totalidades consiste no termo “totalidades de conhecimento”, que no sentido pleno da palavra considera que o ato de educar deve ser realizado através de uma totalidade e não em partes, mas sim numa visão interdisciplinar. São etapas do processo da organização curricular da EJA

Para o avanço de uma totalidade a outra não existe um tempo determinado como o pré-estabelecido nas leis do ensino regular. No entanto, para cada totalidade o aluno não pode ultrapassar o tempo de seis meses. Assim, a cada etapa – séries iniciais, finais e ensino médio – o tempo previsto é de um ano e seis meses, podendo ser concluído antes, conforme o acompanhamento e o interesse do aluno. Tal proposta tem como filosofia a integração do indivíduo na sociedade, visando à inclusão social.

A maioria dos alunos que estudam no NEJA encontram ali uma opção para voltar a estudar e buscar um melhor emprego e até mesmo a formação superior, com a tentativa de ingressar em uma faculdade.

A busca pelo conhecimento sistematizado é um fator que leva esses jovens e adultos de volta para a escola. Na EJA é proporcionada a estas pessoas a compreensão de fatos e fenômenos que não eram assimilados por eles.

Os alunos apresentam idades bem diferenciadas entre si. Há os mais jovens, com cerca de 20 anos e aqueles que já são mais idosos, com idade acima dos 50 anos e até mesmo uma aluna com 72 anos de idade.

Estas diferenças de idades são interessantes no sentido de trocas de experiências entre eles, pois quando interagem em aula estão conhecendo mais as realidades e vivências dos colegas.

Alguns destes alunos exercem atividade profissional, sendo na maioria das vezes, empregados domésticos, mecânicos, babás, atendentes de loja, costureiras. Os alunos apresentam condições sócio-econômicas limitadas. Sentem-se inferiores perante os segmentos sociais mais instruídos, as classes dominantes.

Às vezes acreditam “estar cegos” diante da realidade que lhe é apresentada, visto que não detém o conhecimento daquilo que está acontecendo. São vistos por alguns setores sociais como mão-de-obra barata, que não possui instrução adequada para a realização de determinadas atividades profissionais.

Para que estes alunos não se sintam menosprezados pela sociedade, o conhecimento universal e sistematizado é uma fonte imprescindível de crescimento pessoal e profissional.

Também para que os mesmos percam a crença de “estarem cegos” diante da realidade apresentada, o ensino, aqui especificamente da Geografia, precisa fazê-los ver para além do senso-comum, desenvolvendo a capacidade do “olhar geográfico”.

ANÁLISE DAS ENTREVISTAS DOS ALUNOS DA EJA

Em geografia o estudo dos conceitos é de vital importância, pois, através deles podemos compreender fenômenos espaciais com melhor facilidade. Eles nos dão

sustentação teórica para podermos estabelecer relações pertinentes ao que se busca estudar.

O ensino de geografia lida com conhecimentos frequentemente ligados ao mundo vivido, por esse motivo, os conceitos trabalhados são importantes na formação de valores e atitudes para a vida cotidiana.

Tendo em vista a presença da geografia no nosso mundo vivido, uma questão da entrevista era sobre se a geografia contribui na vida cotidiana destes alunos e em que sentido. Algumas respostas foram as seguintes:

“Contribui muito em nossa vida, no sentido de nós nos conscientizar do que estamos fazendo, destruindo o nosso planeta”.

“Contribui. Nós vivemos dos componentes geográficos do meio ambiente que o universo nos proporciona a viver, a água, o ar que respiramos”.

“Sim, no sentido do dia-a-dia, do tempo, etc.”.

“Acho que tem geografia no cotidiano. Antes quando morava lá fora não tinha assalto, agora esta semana passada, uma parenta minha foi assaltada no lugar onde eu morava”.

“Sim, como vou passar o dia, se vai chover ou não, tudo isso tem a ver com a geografia”.

“Sim, para não me perder na cidade grande”.

“Sim, em todo sentido, da convivência e do trabalho”.

“Sim, pois sem geografia como iríamos nos situar, nos localizarmos”.

Com estas respostas podemos constatar que a idéia que os alunos têm sobre a importância da geografia é bastante vasta. A maioria deles acredita que ela se faz presente no nosso dia-a-dia, pois estamos construindo nosso espaço mediatizados pela natureza.

O que pode ser visto nestas entrevistas, bem presente, é a questão de localização e de natureza, como referências para compreensão da Geografia.

Na análise sobre as histórias de vida dos alunos do EJA, percebemos alguns conceitos presentes, tais como lugar, paisagem, natureza, sociedade.

Nós, como seres humanos produtores de nossa própria história, vamos, ao longo do tempo, adquirindo habilidades que nos dão maior sustentação para lidar com as

adversidades de nossa vida cotidiana. Entre estas habilidades, podemos destacar o senso crítico, que nos permite um maior discernimento em relação ao que nos é posto.

Percebemos que os alunos de EJA, que geralmente são jovens e adultos que, apesar de não terem a oportunidade de freqüentar a escola em seu tempo adequado, possuem um conhecimento do cotidiano que lhes dá uma visão de mundo bastante peculiar.

Para estes alunos, estar na escola, cursando EJA é uma oportunidade ímpar e eles dedicam-se para compreender melhor o mundo, para ter um papel mais ativo na sociedade. É também um momento de integração, de troca de experiências.

Ao freqüentar a EJA, estes conhecimentos do cotidiano, necessitam ser articulados com os conhecimentos científicos da ciência, no nosso caso, a ciência geográfica, para que os alunos possam concretizar o seu processo de construção do conhecimento, interagindo conhecimentos cotidianos com os conhecimentos historicamente institucionalizados, ou acadêmicos.

Para Kimura (2008, p. 179), “Considera-se que a análise do cotidiano é uma análise ampliada, abrangendo o político, o social e o econômico, que não se excluem como fatores explicativos”.

Podemos inferir com isto que, é no cotidiano que se desenvolve a vida em sociedade, é este o mundo vivido que é representado pelos alunos. São suas experiências e percepções de um mundo em constante transformação que são relatadas de forma simples, mas que possuem um significado especial.

Devemos levar em conta que a natureza, a sociedade e o trabalho são conceitos relevantes para a Geografia e que através deles podemos analisar os conflitos e tensões sociais existentes no cotidiano de vida.

Tendo os conceitos científicos claros, é possível estabelecer relações contextualizadas com a realidade de vida.

O LUGAR E A VIDA COTIDIANA

Segundo Suertegaray (2001), o lugar pode também ser trabalhado na perspectiva de um mundo vivido, que leve em conta outras dimensões do espaço geográfico, conforme se refere Milton Santos (1997), quais sejam os objetos, as ações, a técnica, o tempo.

É nesta perspectiva que Milton Santos (1997, p. 258) se refere ao lugar, dizendo:

No lugar, nosso próximo, se superpõe, dialeticamente ao eixo das sucessões, que transmite os tempos externos das escalas superiores e o eixo dos tempos internos, que é o eixo das coexistências, onde tudo se funde, enlaçando definitivamente, as noções e as realidades de espaço e tempo.

Tendo por base esta citação de Milton Santos, podemos inferir que o lugar é a representação da dinâmica espaço-temporal do mundo atual. É onde tudo acontece, é onde construímos nossa vida, desenvolvemos nossas atividades, onde o tempo deixa sua marca no espaço.

Ainda Santos (1997, p. 258), continua dizendo:

No lugar – um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições – cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contigüidade é criadora da comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organização e espontaneidade. O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade.

O lugar é um espaço relacional, pois nele se desenvolvem as relações afetivas, familiares e de vizinhança entre os homens. O lugar também contém memória coletiva, individual e histórica.

Nas entrevistas realizadas, percebemos que o lugar é visto como um espaço onde se desenvolve a vida, onde se vive diariamente. Nelas, os alunos colocam sobre as vizinhanças, ou entorno de onde vivem, caracterizam os lugares como bons de viver, sossegados e calmos, conforme segue algumas citações das entrevistas:

“Um lugar muito bonito e grande, com bastante movimento nas ruas”.

“Cidades com povos hospitaleiros e aconchegantes, com lugares bonitos, praças e parques para as crianças brincarem”.

“Lugares muito bons, ótimos vizinhos, sem perigo de roubo”.

“Lugares bons, bonitos, calmos, me dou bem com os vizinhos”.

“Miraguaí é uma cidade pequena, sem muito lazer, próxima à área indígena. Três Passos sendo uma cidade bonita, calma e (...). Palmeira das Missões que gosto, bastante movimentada, mas, porém pequena e possui poucos lugares para lazer”.

Outros lugares são localizados espacialmente, como constituintes de determinada região. Também são referenciados espacialmente por latitudes e longitudes. São identificados por empreendimentos nele localizados.

O lugar é onde vivemos diariamente, com ele temos ligações, temos a idéia de que isso nos pertence, que é o nosso “habitat”, também o lugar nos identifica como indivíduos com características culturais diferentes de outros que vivem em outro lugar.

Os alunos de EJA compreendem que o lugar onde vivem se articula com a oferta de trabalho, pois alguns dizem que quando mudam de lugar para morar, geralmente é porque alguém na família (marido ou pai, por exemplo) encontra um emprego bom em outro lugar, ou o cargo que ocupa exige deslocamentos constantes.

Em vista disso, o lugar assume o sentido de identidade das pessoas com aquilo que ele oferece.

Podemos evidenciar isto com a citação de uma entrevistada:

“Já mudei de lugar quatro vezes, o motivo foi o trabalho do esposo, que trabalha como consultor de vendas no ramo agrícola”.

Os entrevistados quando questionados se conheciam outros lugares, se sim, quais e o que faz lembrar ou identificar estes lugares, respondem:

“Conheço sim vários lugares, Santa Catarina, Santa Maria, Porto Alegre, Passo Fundo, Carazinho, Argentina, Panambi, Condor, Soledade, Canoas, porque tem alguns lugares e por causa das firmas que tem, do frio, das águas, das serras”.

“Conheço a região da serra, que me faz lembrar uva, vinho, paisagens bonitas. O litoral, que lembra o turismo, praias bonitas”.

“Sim. Porto Alegre, Iraí, Vicente Dutra. Todos onde morei me faziam lembrar de Palmeira”.

Com isso, é notável que as paisagens identifiquem os lugares. Também as características naturais destes se fazem presentes na hora de identificá-los. A última citação dos entrevistados aponta para o sentimento de identidade e pertencimento a um determinado lugar.

O lugar, na visão humanística, constitui-se como uma paisagem cultural, campo da materialização das experiências vividas que ligam o homem ao mundo e às pessoas, e que despertam os sentimentos de identidade e de pertencimento no indivíduo. É, portanto, fruto da construção de um elo afetivo entre o sujeito e o ambiente em que vive.

O lugar pode ser entendido como a porção do espaço geográfico efetivamente apropriado para a vida. É a área onde se desenvolvem as atividades cotidianas ligadas à

sobrevivência e às diversas relações estabelecidas pelos homens enquanto seres sociais construtores de sua própria história.

A NATUREZA – VISÃO CIENTÍFICA E VISÃO EMPÍRICA

Para Gonçalves (1998, p. 23), o conceito de natureza não é natural, haja vista ser esta uma construção social, ou seja, foi criado pelo homem. Segundo ele toda sociedade, toda cultura cria, institui uma determinada idéia de natureza.

A natureza se define, em nossa sociedade, por aquilo que se opõe a cultura. A cultura é tomada como algo superior e que conseguiu controlar e dominar a natureza. Daí se tomar a revolução neolítica, a agricultura, um marco da História, posto que com ela o homem passou da coleta daquilo que a natureza ‘naturalmente’ dá para a coleta daquilo que se planta, que se cultiva. (GONÇALVES, 1998, p. 26-27).

Segundo Cavalcanti (1998, p. 149): “A construção dos conceitos de natureza e de sociedade, por exemplo, deve ter como referência inicial a prática vivida pelo aluno e os significados por ele atribuídos cotidianamente aos conceitos”.

Conforme o conceito de natureza citado por Gonçalves (1998), podemos compreender que a natureza é concebida como algo que não possui cultura, pois a cultura é capacidade dos seres humanos. Dada esta cultura do homem, ele pode transformar esta natureza em espaço útil para o desenvolvimento de suas atividades produtivas.

Nas entrevistas, a natureza aparece associada à idéia de geografia, de meio ambiente. A degradação ambiental é bastante presente nos relatos.

Isto pode ser percebido através da citação de alguns alunos:

“A natureza na sociedade não está como deve estar por causa que não são todos que preservam como deve ser feito”.

“Eu gosto de geografia porque representa a natureza, e nós vivemos dela”

“A natureza poderia estar um pouco melhor, se tivéssemos mais consciência e cuidássemos mais o que plantamos, o que jogamos na natureza, e o que fizemos para contribuir”.

“A natureza é uma parte do Brasil, as cidades, os rios, as rochas, essas matas prendendo fogo, até nos sojas...”.

“A natureza está sofrendo, o pior é que nós da sociedade é que estamos fazendo isso com ela, não nos damos conta disso ainda”.

“A natureza foi destruída”.

“A natureza é um dos fatores mais importantes para todos, pois é na natureza que temos nossos recursos naturais. Várias espécies de aves importantes que já estão ficando extintas, desmatamentos incorretos, destruição dos mananciais e muita poluição e liberação de gases como gás carbônico que também vem do setor primário (pecuária) que cada vez quer mais e acaba explorando a natureza”.

O homem aparece como principal causador dos desequilíbrios ambientais, devido a sua falta de conscientização e também busca constante pela sobrevivência. Também é vista como o belo, exuberante, com a presença de recursos naturais.

Podemos interpretar que o conceito de natureza está associado ao quadro físico natural do país. A poluição ambiental, os desmatamentos, as queimadas são ações antrópicas que vulnerabilizam a sustentabilidade ambiental. Podemos dizer que natureza é tudo aquilo que é espontâneo, que existe na terra sem intervenção do homem.

Cada vez mais é discutido na atualidade sobre os problemas ambientais que estão provocando sérias conseqüências para o futuro da humanidade. Acreditamos que a conscientização do valor da natureza para o desenvolvimento da vida humana deva ser um tema presente nas aulas de geografia e ciências afins para elucidar o compromisso social da humanidade para com o meio ambiente.

Com isso, percebemos o quanto há uma preocupação ambiental dos entrevistados com o quadro natural do país. Também que há um bom entendimento da importância da natureza como fator de sobrevivência aos seres humanos.

PAISAGEM – O VISÍVEL DO ESPAÇO GEOGRÁFICO

Suertegaray (2001) concebe paisagem como a expressão materializada do espaço geográfico, interpretando-a como forma. Neste sentido considera paisagem como um constituinte do espaço geográfico (sistema de objetos).

Para Milton Santos (1997, p. 83): “A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza”. Ou ainda, “a paisagem se dá como conjunto de objetos reais concretos”.

Entendemos que a paisagem é o que se vê num determinado espaço e num certo tempo, como resultado das transformações que o homem fez na natureza na luta pela sua sobrevivência.

Ainda Santos (1997, p. 86), diz que:

“A paisagem é história congelada, mas participa da história viva. São as suas formas que realizam, no espaço, as funções sociais”.

Santos (1988, p. 61), também coloca que:

“Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volume, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc.”.

A paisagem é um momento temporal da dinâmica espacial, ou seja, como uma fotografia, ela retrata um determinado espaço em um determinado momento. Ela está presente na vida de todos nós, no nosso dia-a-dia.

A paisagem se modifica visivelmente quando mudamos nosso ângulo de visão, ou saindo de um lugar para outro. Ou o relevo, ou a hidrografia, ou os solos, e até mesmo as construções humanas, principalmente nas cidades, alteram a paisagem que vemos.

Vale lembrar que nós, seres humanos, também somos agentes transformadores da paisagem, através do desenvolvimento de atividades produtivas. Ela é o resultado da vida das pessoas, dos processos produtivos e das transformações da natureza.

Nas entrevistas é possível observar que o conceito de paisagem se faz presente, quando os alunos dizem o que faz lembrar ou identificar determinados lugares. Também no conceito de natureza, que alguns atribuem o adjetivo de bela, de riqueza natural e sobre a paisagem do lugar onde moram.

Numa entrevista, um aluno diz, quando é questionado se conhece outros lugares e o que faz identificá-lo, que:

“Caxias do Sul tem muitas serras e a cidade é quase toda asfaltada, isso faz identificá-la.”

Isto expressa que a paisagem que ele observa, ou seja, a serra, a presença de pavimentação na maior parte da cidade é que identifica o lugar que ele conhece. Aí podemos inferir que a paisagem identifica os lugares, pois é visível e material.

Outra citação que corrobora com o papel da paisagem com a identificação dos lugares é a seguinte:

“Santa Catarina faz lembrar praias e Beto Carreiro, São Paulo, o comércio lojista (...). Paraguai comércio, importação e muita sujeira, a Argentina os parques ecológicos”.

A paisagem está ligada à sensibilidade humana, pois é através dos sentidos, principalmente da visão que podemos “ler” o espaço, através da paisagem. Outros sentidos também são empregados para esta interpretação, como audição e olfato.

Através da realização de um estudo do meio, ou leitura da realidade, podemos considerar a paisagem como fator principal para interpretação inicial do lugar que se deseja investigar. É nela que se expressa o que está acontecendo ali, naquele momento, que é fruto das representações sociais.

SOCIEDADE – UMA CONSTRUÇÃO HUMANA

Para a Sociologia, uma sociedade é o conjunto de pessoas que compartilham propósitos, gostos, preocupações e costumes, e que interagem entre si constituindo uma comunidade. A sociedade é objeto de estudo comum entre as ciências sociais: Sociologia, História, Economia, Antropologia e Geografia.

Sociedade é um conceito que está presente em várias ciências, inclusive na Geografia, sobre o qual iremos tratar a seguir.

Para Vesentini e Vlach, 1991, p. 15, sociedade é entendida da seguinte maneira:

“É um agrupamento de indivíduos que vivem de acordo com determinadas regras, num certo espaço geográfico. Temos vários exemplos de sociedade: das abelhas, das formigas, a sociedade humana etc. em Geografia, nosso interesse é voltado para a sociedade humana, pois é ela que modifica profundamente a natureza e constrói o espaço geográfico.”

Segundo esta citação, podemos inferir que a sociedade humana é o objeto de estudo da ciência geográfica, por ser a Geografia a ciência que estuda as relações do homem com o meio, ou, da sociedade com a natureza.

Nas entrevistas percebemos que os alunos compreendem que a sociedade está inserida num contexto mais geral, como o que relata uma entrevistada:

“A sociedade não me inspira, pelo menos essa de hoje, onde a corrupção toma conta dos órgãos públicos e principalmente do caráter sócio econômico”.

Aqui está exposta uma tensão social da atualidade, onde o entrevistado percebe que a corrupção é uma realidade que está disseminada no nosso cotidiano.

Também consta sobre a sociedade do lugar onde se vive, conforme outra entrevistada: “A sociedade eu vejo quando vou ao Clube, que minha filha é sócia, ou quando vou ao CTG ver minha neta dançar”.

Aqui está presente a idéia de grupos sociais, pois a entrevistada não se percebe como elemento da mesma sociedade do Clube ou do CTG.

Nesta outra entrevista, percebemos o difícil entendimento que o aluno tem em relação à sociedade:

“A sociedade já é meio confuso, não tem como entendermos a sociedade, pois cada povo tem a sua cultura e modo de pensar.”

Esta citação demonstra que há dificuldade, por parte do aluno, de reconhecer e conviver com outras culturas.

Outro aluno diz que:

“A sociedade deveria se unir para tentar diminuir essas catástrofes ao meio ambiente tentando reciclar mais, ajudar de alguma forma diminuir o desmatamento e o uso errado dessa matéria prima.”

Percebemos aí a evidente preocupação do entrevistado, enquanto sociedade, com os problemas ambientais que estão atualmente causando transformações no nosso planeta e conseqüentemente na vida de todos nós.

Os indivíduos são componentes de vários grupos e participam de transformações no decorrer do tempo de forma coletiva, construindo as sociedades, com seus grupos e com as mais variáveis reproduções culturais, que são marcantes na religião, no trabalho, na economia, na família, etc.

Compreendemos que a sociedade é o lócus onde o indivíduo desenvolve a sua vida social, através de relações sociais, de trabalho, de convivência entre grupos distintos, do lazer. Ela se torna um conceito importante na geografia pelo fato de que o homem a constrói/destrói e é através de seu trabalho que faz com que se formem grupos sociais. As características culturais de uma sociedade vão determinar as características principais daquele espaço geográfico.

Os modos de vida, os costumes, as tradições e diversões de um povo são bastante diferentes de uma sociedade para outra.

As classes sociais surgem principalmente das diferenças sócio-econômicas de uma sociedade. Entre as diversas classes, há interesses distintos e isso leva a conflitos e tensões que podemos presenciar cotidianamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização deste trabalho, podemos observar que o cotidiano, o mundo vivido pelo aluno de EJA é uma fonte muito rica de conhecimentos empíricos que devem ser levados em conta no processo de ensino-aprendizagem da Geografia.

Este conhecimento que os alunos trazem de seu mundo vivido, é uma confirmação de que a geografia está presente na nossa vida cotidiana, pois em tudo que fazemos ao longo da vida, estabelecemos relações sociais, espaciais, criamos referências com determinados lugares, associamos imagens, lembramos de paisagens que identificam lugares por onde passamos. Em tudo isto, estamos construindo a nossa própria visão de mundo, a nossa geografia cotidiana.

A escolha por fazer entrevistas com alunos de EJA baseou-se na leitura do livro “A geografia do aluno trabalhador”, de Márcia Spyer Resende, que despertou em mim a curiosidade da pesquisa sobre assuntos relacionados ao cotidiano de vida dos alunos trabalhadores, suas perspectivas de vida com a educação e sua maneira de entender o mundo atual, as relações de trabalho.

Acreditamos que este trabalho colaborou para o conhecimento de que o aluno trás consigo sua realidade vivida, seu conhecimento sobre o mundo que lhe é apresentado, e que isso é imprescindível para realizar o processo de ensino-aprendizagem, levando o aluno a ser sujeito de sua própria história, interligando seus conhecimentos adquiridos ao longo da vida com os conhecimentos científicos que a escola lhe apresenta.

A entrevista cedida pela professora responsável pelas turmas de alunos entrevistados foi de grande valia, no sentido em que pudemos observar como ela desenvolve seu trabalho, como professora de Geografia para alunos de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Podemos destacar que o trabalho da mesma está de acordo com os propósitos desta modalidade de ensino, que apresenta uma forma de organização curricular peculiar, atendendo às reais e singulares necessidades de seus alunos.

A análise das histórias de vida, pautada nos conceitos científicos da geografia, favoreceu a interligação entre o espaço real, o mundo vivido, o cotidiano e a geografia. Tudo isso leva a acreditarmos que é possível a valorização do conhecimento empírico como possibilitador de uma aprendizagem significativa, principalmente em turmas de EJA.

Acreditamos que uma metodologia que pode ser empregada no ensino-aprendizagem em Geografia é a que este trabalho buscou desenvolver, ou seja, interrelacionar os conhecimentos pré-escolares dos alunos com os historicamente sistematizados ou científicos.

Através do estudo dos quatro conceitos científicos, lugar, paisagem, natureza e sociedade, pertinentes da Geografia, podemos interpretar, à luz de teoria acadêmica, os conhecimentos cotidianos que os alunos trazem de seu mundo vivido.

E, desta forma, dar encaminhamento ao processo de ensino-aprendizagem que realmente seja válido tanto para o professor quanto, principalmente, para o aluno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARCELOS, Valdo. **Formação de professores para educação de jovens e adultos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

BINZ, Jussara Ferreira. **O ensino supletivo no Rio Grande do Sul: um estudo introdutório sobre seus fundamentos, funções e características**. In.: Educação para crescer: educação de jovens e adultos: reflexões sobre o contexto teórico-prático. Porto Alegre: Governo do Estado, 1993, p.15-19.

CAVALCANTI, Lana de Sousa. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 1998.

CORRÊA, Roberto L. **Espaço: Um conceito-chave da geografia**. In: CASTRO, Iná e outros (orgs.). Geografia: Conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GONÇALVES, C. Walter Porto. **Os (des) caminhos do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 1998.

GONÇALVES, Mara. **Entrevista**. Palmeira das Missões, Abril de 2009.

KAERCHER, Nestor André. **A Geografia é o nosso dia-a-dia**. In: Geografia em sala de aula: práticas e reflexões. CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (org), et al. 4ªed. Porto Alegre: Editora da UFRGS/AGB-PA, 2003.

KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico: questões e propostas**. São Paulo: Contexto, 2008.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. 15. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. 2º Edição. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **Espaço Geográfico Uno e Múltiplo**. In: Scripta Nova - REVISTA ELECTRÓNICA DE GEOGRAFÍA Y CIENCIAS SOCIALES. Universidad de Barcelona. Nº 93, 15 de Julio de 2001

RESENDE, Márcia Spyer. **A geografia do aluno trabalhador**. São Paulo, Loyola: 1986.

VESENTINI, José W. e VLACH, Vânia. **Geografia crítica**. São Paulo: Ática, 1991, 4 vols.

Wikipédia. <http://wikipédia.com.br> acesso em 21/04/09.